

MILITANTE DOS 14 AOS 62 ANOS

Deputado Adriano Diogo fala sobre militância no período da ditadura

Por Beatriz Macruz

Adriano Diogo, quatro vezes eleito vereador da Câmara Municipal de São Paulo e duas vezes eleito deputado estadual, todas elas pelo PT. Começou a fazer política aos 14 anos, militando no movimento estudantil, e a impressão que se tem ao conversar com ele 48 anos depois é de que se trata ainda de um militante obstinado, desbocado e revolucionário.

Sobre seus mandatos e cargos políticos, pouco falou, embora tenha repetido várias vezes que gosta do que faz e que pretende ainda se candidatar à deputado federal: “quero encerrar minha carreira política em Brasília”.

Trajectoria política – “Eu comecei no movimento estudantil aos 14 anos, 1963, quando ia ter os jogos pan-americanos de SP, e eu ajudei a organizar. Era um mini olimpíada. A abertura foi no Pacaembu e nós éramos muito mobilizados, muito articulados, então vieram 40 mil jovens! Ah, era a primeira vez que Cuba, socialista, saía com uma delegação olímpica. E nós fomos lá torcer por Cuba e pelo Brasil. Foi minha primeira atividade de coletiva de movimento estudantil.

Mas eu tive uma formação política na minha casa. Minha mãe, professora, era muito politizada. Meu avô materno era muito culto, muito politizado, me orientava muito... era politicamente muito desenvolvido. Foi expulso da Itália, veio pro Brasil expulso como ativista, ele era anarquista. Eu tive uma formação muito forte na minha casa, desde pequeno. E eu morava na Mooca e vinha do colégio de ônibus e via todas as manifestações das fábricas que tinham por ali, as greves... A Mooca era um grande centro fabril. Eu convivia muito com esse negócio, era muito ligado. Tinha um olhar político.

Depois veio o golpe, né, um ano depois. Eu era do grêmio e fui reprimido, me botaram pra fora da escola. Fui estudar numa escola estadual lá na Vila Prudente... Foi quando comecei a entender. Não tinha nenhuma razão para me apartarem da escola. O mundo caiu na minha cabeça, eu era muito novo.”

Mais tarde ele entrou para a universidade, em 1969, cursou Geologia na USP, prosseguiu envolvido com o movimento estudantil, trabalhando principalmente com projetos culturais nas periferias, e, pouco tempo depois, no ano de 1971, foi preso e torturado no Doi-Codi, liberado apenas em 1973.

Nem essa desagradável memória reprime seu relato, e aproveitou para perguntar sobre a recente decisão do Supremo Tribunal Federal de manter a abrangência da Lei da Anistia para crimes cometidos pelo estado durante a ditadura militar (1964-1985): “É como perdoar o nazismo, tá certo? É um absurdo, é um crime, é a permanência de um crime. E são esses caras, os que tor-



Reprodução

turaram e permitiram a tortura é que estão no poder. Você pensa que só os militares sabiam? Não foram os militares que deram o golpe, os civis que deram. A Senadora Kátia Abreu, por exemplo, você pensa que ela não sabia da tortura? Ela ajudou a constituir a ditadura e hoje é senadora”.

Recém saído da prisão, Adriano foi trabalhar em projetos da Igreja Católica que visavam a adaptação de retirantes que chegavam à São Paulo. “Eu não podia me expor mais tanto, porque estavam querendo me pegar de novo, mas continuei trabalhando, saí um pouco do centro, do miolo, e fui aprender também. Aprender a trabalhar com uma gente tão diferente de mim”.

Capítulo seguinte: o PT, que ele ajudou a fundar, e do qual não mais arredou o pé, pois “não abre mão da política”.

A mesma veemência com que conta suas memórias aparece em suas críticas à “sociedade sem ética que a visão liberal acarretou”. “Israel é governado por fascistas como aqueles que torturaram os judeus na Alemanha nazista. Isso é possível? Israel atacou um barco que levava ajuda, uma embarcação de ativistas, à gente que não tem o que comer. Daí você vê o tipo de sociedade, brutal, que estamos criando para nós mesmos”.

Ele enxerga Lula como uma “porta para a resistência à essa linha mundial sem valores pela qual caminhamos (...) esse absurdo atrasado do

neoliberalismo”. Indagado sobre sua atuação em cargos políticos dentro desse cenário, a resposta é vaga “minha atuação é da resistência, né, busco a memória política, não se pode esquecer o passado político de um país. Nem os arquivos da escravidão foram abertos nesse país, você sabia? Quanto mais os da ditadura, né. Mas eu luto por isso. Acho importante”.

Bronca dos tucanos – Acredita que o Brasil ganhou na loteria com a descoberta do Pré-Sal e espera que “o dinheiro seja devolvido ao povo brasileiro em forma de educação, saúde - que não caia na mão dos tucanos”.

“Tenho bronca dos tucanos mesmo, porque eles se criaram como um partido de esquerda, lindo e maravilhoso, mas criaram tudo que o Brasil tem de atrasado. Se aliaram à direita! O Fernando Henrique governou pela direita! O Serra se opôs à ditadura, é casado com um chileno, e fala aquela merda sobre

o Evo Morales [refere-se às declarações que Serra deu no primeiro semestre de 2010, de que acreditava que o governo boliviano compactuava com o tráfico de drogas]! Depois de uma declaração fascista dessa, fazer o quê? Quer invadir a Bolívia de novo? Já não basta quando a gente arrancou o Acre deles... Ele é casado com uma chilena! E ele esconde, mas ela é sobrinha do Salvador Allende, e vem falar uma merda dessas?”.

“Ficha Limpa é uma boa iniciativa, mas a justiça é política”

“O FHC devia estar preso pelo que fez com as privatizações no país, mas tem ficha limpa. O home que me torturou, o C. Alberto Ustra, tá solto por aí, ficha limpa”. O senhor não concorda com o projeto *Ficha Limpa*, então? “Como iniciativa da sociedade é um avanço. Mas não dá pra colocar a ficha da Luiza Erundina no mesmo patamar que a do Paulo Maluf. Mas a justiça, no Brasil, é política, só vai preso quem não tem poder”, declarou o deputado, que não mencionou sua ficha (considerada suja pelo projeto).

Quanto a última pergunta (e talvez também quanto a afirmação acima), a fiz mais como jovem estudante do que como estudante de jornalismo: Você não vê possibilidades, então, para a mobilização popular ou estudantil? “Não, não é isso. Claro que vejo. É justamente na mobilização que eu vejo as possibilidades”.